

O PROSA

DIRETORA DE *O PROSA*: MANUELA VALENTE / SUB-DIRETOR DE *O PROSA*: HUMBERTO BENTO

SÍTIO DA ESCOLA: WWW.AEPROSA.PT

TUDO SOBRE A TUA ESCOLA



Ciclo Passeio

No dia 26 de abril, a turma do 1.º Ano do curso profissional Técnico de Juventude organizou um “Ciclo Passeio”, em que os participantes tiveram a possibilidade de realizar o percurso a pé e de bicicleta.

A concentração deste evento foi às 9h00 no portão da ESPR. O grupo saiu da escola pelas 9h e 30m e contou com uma paragem no Mercado Municipal de Faro para todos poderem distribuir cravos e poemas, feitos pela biblioteca escolar, numa alusão à celebração do vinte e cinco de Abril de 1974.

Esta iniciativa teve também como objetivo apelar à população de Faro para uma Mobilidade sustentável. Participaram nesta iniciativa os alunos dos cursos 1.º CP TAS+TPC acompanhado pelos professores Marta Tardão e Zé Maria; 1.º CP TGPSI+Distr. acompanhados pelo professor António Caetano; 1.º CP OEventos+RestBar acompanhados pelos professores António Caetano e Sofia Araújo; 2.º CP TSaúde+COZPast acompanhados pelas professoras Ana Margarida e Manuela Valente; 1.º CPTTurismo+RestBar, acompanhados pelos professores Humberto Bento, António Caetano e Ana Fino e os alunos da turma do primeiro ano de Técnico de Juventude, acompanhados pela professora Natália Estrelo.

Refletindo...					
25 de Abril de 1974	pág. 2	Ciência na Escola	pág. 5	O Inferno de Dante	pág. 11
Alterações Climáticas VS Economia	pág. 3	Poesia no Prosa	pág. 6	O Parlamento Europeu	pág. 12
Os valores são propriedades das coisas ou são construções dos seres humanos?	pág. 4	Mexe-te	pág. 7	Amávamos Demais e Sabíamos de Menos	pág.13
		Visita de Estudo ao Parlamento Europeu	pág.8	Visita de Estudo ao Zoomarine	pág.14
		Pinheiradas	pág.9		
		O Dia do Carbono	pág. 10		

Por Honório Marques
Professor na ESPR

25 de Abril de 1974

***Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo***
Sophia de Mello Breyner, in "O Nome das Coisas"

As palavras da poetiza exprimem na perfeição os anseios da maioria dos portugueses quando o regime ditatorial de 48 anos de Salazar/Caetano caiu de podre, finalmente, com o ousado empurrão dado pelos militares do Movimento das Forças Armadas.

Os sintomas do cada vez maior desfasamento e isolamento nacional e internacional verificavam-se desde os finais dos anos cinquenta. Desde a candidatura presidencial de Humberto Delgado que abalou o regime, e entusiasmou os portugueses, à Carta do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes (1906-1989) a Salazar, denunciando a miséria que se vivia no país, no que constituiu o primeiro ato de afastamento de uma alta figura do clero católico português em relação ao regime. Igualmente a contribuírem para o abalo, o Golpe Botelho Moniz, em que altas figuras do regime pretenderam o afastamento de Salazar, o desvio do Pacote Santa Maria por um comando ibérico, o ataque ao quartel de Beja, passando pelos conflitos laborais fortemente reprimidos, a emigração maciça legal e ilegal dos anos sessenta, agravada com o início da guerra colonial, a crise académica de 1962 e depois de 1969, bem como o surgimento de movimentos de oposição armados no país. Tudo indiciava que o regime remava contra a maré e que o seu fim estava próximo.

A nível internacional o isolamento cresceu com a denúncia de massacres em África, com o agudizar da guerra colonial, com a resolução da ONU apelando especificamente ao boicote e isolamento de Portugal. Imagem desse mesmo isolamento foi a receção pelo Papa aos líderes dos movimentos independentistas de Angola, Moçambique e Guiné/Cabo Verde e as manifestações de protesto aquando da visita oficial de Marcello Caetano a

Londres.

A esperada por alguns "Primavera Marcelista" pouco passou de cosmética face a um chefe de governo que, apertado pelos ultras do regime, não modificou a postura em relação aos movimentos independentistas africanos e se viu diante de uma contestação cada vez mais intensa.

O conflito na Guiné tornou-se trágico para o regime, designadamente a partir do momento em que o PAIGC (Partido para a Independência da Guiné e Cabo Verde) adquiriu mísseis terra-ar, SAM-7, inviabilizando o apoio aéreo às tropas portuguesas no terreno, e contribuiu, fortemente, para que o Movimento dos Capitães progredisse de reivindicações exclusivamente profissionais, entretanto satisfeitas, para os objetivos de derrubar o regime e democratizar o país, como única via para a resolução da questão colonial, com a consciência de que as guerras de libertação são sempre, mais tarde ou mais cedo, vencedoras.

Em 16 de março de 1974, militares muito próximos do general António de Spínola, pertencentes ao MFA, desencadearam um golpe de Estado, na sequência da exoneração, dois dias antes, por Marcello Caetano, do Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e do Vice-Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, respetivamente, os generais Costa Gomes e António de Spínola. O golpe foi precipitado e com falhas a nível das comunicações, tendo fracassado, pois só a unidade das Caldas da Rainha avançou sobre Lisboa.

O presidente do Conselho, Marcello Caetano, ficou certamente aliviado com a aparente fraqueza do adversário, mas, na realidade, o golpe falhado acabou por ser útil ao MFA, que permaneceu quase intacto, tendo-lhe permitido observar as manobras militares de defesa do adversário, criar uma maior unidade entre os militares, revoltados com a prisão de camaradas seus, e corrigir as deficiências a nível das comunicações.

No dia 25 de abril de 1974, com o desencadear da operação "Fim-regime",

ao sinal da "Grândola Vila Morena", de Zeca Afonso, a ação viria a ser um sucesso, cujo momento mais dramático sucedeu no Terreiro do Paço, em Lisboa, quando as forças, pouco experientes militarmente, do capitão Salgueiro Maia, enfrentaram as forças que o Estado Novo conseguiu enviar para os defrontar, o Regimento de Cavalaria 7. A serenidade exterior do capitão de abril, que dialogou com a força inimiga, conduziu a que esta passasse para o seu lado, tendo o oficial que a comandava sido detido.

A fragata Gago Coutinho, que ameaçara bombardear os revoltosos, desistiu dos seus intentos, ao se aperceberem, que se encontravam debaixo de fogo das baterias da EPA instaladas junto do Cristo-Rei.

A rendição de Marcello Caetano veio a suceder no Largo do Carmo, totalmente repleto de populares, apesar dos apelos do MFA para que esta permanecesse em casa. Os populares encheram os locais em que se desenrolavam os acontecimentos, sob risco, de em caso de confronto aberto, serem atingidos, tendo contribuído para que o golpe se tivesse transformado em Revolução e, talvez, para que o confronto armado, maior ou menor, não tivesse sucedido.

A PIDE/DGS, sediada a escassas centenas de metros e fortemente armada, não interferiu, tal como a GNR no Carmo não reagiu, a comprovar o desfasamento do regime.

A adesão popular permitiu a libertação de todos os presos políticos, sem exceção, a extinção da PIDE/DGS (exceto nos territórios africanos enquanto a guerra colonial não terminou em definitivo) e o processo de descolonização total, percurso que não era pacífico para alguns dos vencedores, nomeadamente Spínola.

Os cravos oferecidos pelas vendedoras tornaram-se um ícone de um golpe que, pela adesão popular, se tornou Revolução, e lhe deu nome.

*Por João Assis**Aluno do 11.º Ano, D*

Alterações Climáticas vs Economia

Como é do conhecimento de todos, as alterações climáticas estão a comprometer cada vez mais espécies, ecossistemas, espaços territoriais, a água e o ar que respiramos. Perante a ineficácia das instituições nacionais e internacionais, e porque os dados são cada vez mais preocupantes, os jovens estão a dizer “basta” e a mexer-se, daí que, no dia 15 de março, na 1ª greve climática estudantil – os jovens pediram medidas sustentáveis de modo a esperarem esclarecimentos, compreensão para o que está a acontecer, nomeadamente uma ação mais rápida contra as mudanças climáticas.

Há cerca de trinta anos atrás, a expectativa de futuro era melhor devido às novas tecnologias, mas estamos a chegar ao limite da falta de recursos. Durante décadas a percepção, segundo os políticos, era que isto é um problema (o problema do ozono, das partículas finas, da qualidade do ar, respiratórios, cardiovasculares, acesso à água potável,) que diz apenas respeito a uma comunidade de cientistas, que era apenas uma questão de estudos, de impactos e que não diz respeito às pessoas.

A poluição é uma realidade negativa que advém quer da atividade económica do setor secundário, principalmente, quer da atitude descuidada e deseducada dos consumidores. A poluição está a matar pessoas e há uma relação direta com o clima. Na área da qualidade do ar, as partículas finas são as piores, pois estão a diminuir a esperança de vida à escala mundial. Hoje em dia, chegamos do supermercado e fazemos imenso lixo, pois cada produto vem embalado separadamente em invólucros feitos de materiais não biodegradáveis. Da mesma forma, quase tudo o que podemos comer e utilizar fora de casa é feito de materiais não biodegradáveis e que as pessoas insistem em deitar para qualquer sítio, sem respeito pelo meio ambiente. Estes comportamentos têm elevados custos quer para os animais, quer para os governos ou organizações que os tentam remediar.

Hoje, nós temos a tecnologia, a mobilidade elétrica, temos a bicicleta, a energia solar, a imensa tecnologia para fazer esta transição energética para as energias renováveis, como um todo na sociedade. Para prescindir dos combustíveis fósseis são os consumidores jovens e menos jovens que precisam retirar os combustíveis fósseis e apostar numa mobilidade sustentável, no uso do transporte público, no uso da bicicleta, no andar a pé, na mobilidade elétrica.

Relativamente à economia, todos sabemos que os impactos económicos, normalmente, sobrepõem-se aos impactos ecológicos. Estamos perante uma grave crise de biodiversidade e o vetor económico parece que está acima da nossa sustentabilidade e da nossa existência, enquanto seres vivos. Até que ponto é legítimo nós estarmos a preterir as condições naturais para a existência do ser humano, relativamente a uma economia que não vai existir sem seres humanos? Existe uma concentração económica no dinheiro e é importante ter dinheiro para comprar os produtos, mas se a terra não nos der esses produtos, não vale a pena termos dinheiro. O nosso grande problema é que nós não fazemos bem as contas, pois quando olhamos para a economia, não entramos com os custos da saúde, que a poluição implica e que todos nós pagamos. Se fizéssemos corretamente as contas, nós de certeza absoluta percebíamos que muitas dessas ameaças nos saem muito mais caras.

Em suma, a emergência das alterações climáticas tem revelado que é preciso pensar e agir globalmente é preciso mudar a vários níveis e a União Europeia é o único modelo que pode ser usado como um modelo de governação global. A Europa unida pode conseguir alguns feitos na globalização e isso é decisivo para o nosso futuro e são os jovens que neste programa vieram dizer “basta!”, porque hoje em dia eles estão mais conscientes de que o problema existe e que os afeta diretamente pondo em causa o futuro dos seus filhos e dos seus netos.

É necessário usar mais dinheiro a sensibilizar e educar os consumidores, se quisermos continuar a ter um planeta ao qual chamamos lar.



Por Manuela Valente
Diretora de O PROSA

Os Valores São Propriedades das Coisas ou São Construções do Ser Humano?

Neste ensaio discute-se o problema da natureza dos valores, no fundo, saber o que são os valores.

A tese defendida é que os valores existem como essências ideais, modelos de ser, independentes dos objetos e do Homem, que não é o seu autor, mas que pode descobri-los.

A existência humana, o seu espaço de vida, decorre entre o facto, os factos, o que é, o que acontece e existe, o que é real e o valor, o dever ser, o ideal. Todo o ser humano, num determinado momento da sua existência, passa a ter consciência sobre o que existe e acontece à sua volta e no mundo e, ainda, como experiencia esses factos, constatando que prefere uns e rejeita outros. De facto, não somos indiferentes nem neutros, face ao que ocorre à nossa volta e no mundo, sejam as alterações climáticas, que todos vivenciamos globalmente na atualidade, seja a existência da crise económica e financeira que atingiu o mundo e alterou as nossas vidas, seja a fome em alguns países desenvolvidos e no terceiro mundo, seja a criação de alguns documentos, que constituem fontes de fixação de valores e que o espaço público aferiu como necessários e indispensáveis à vida do ser humano, nomeadamente a Declaração Universal dos Direitos Humanos, criada em Paris, em 10-12-1948, entre outros documentos emanados da ONU, UNESCO...

Ora, tomamos consciência dos valores no momento exato em que tomamos conhecimento dos factos e estes suscitam a nossa preferência ou a nossa rejeição. Portanto, no momento em que apreciamos ou valoramos o facto e formulamos sobre ele um juízo de valor. O juízo de valor representa uma avaliação que o Homem faz dos factos, segundo as suas preferências. Diferente é o juízo de facto, pois descreve objetivamente a realidade, sendo possível atribuir-lhe um valor de verdade. Sendo factuais os juízos científicos e jornalísticos.

Para o senso comum, aceitar que os valores existem no ser humano e devem a sua existência às propriedades psicológicas do sujeito, não sendo por isso uma propriedade ou característica dos objetos, é compreensível, pois como diz o ditado popular, «gostos não se discutem». No entanto, uma análise mais rigorosa, mostra que algumas objeções se apresentam, pois, assim, qualquer posição valorativa seria aceitável, como por exemplo, a escravatura seria boa para uns e má para outros, a guerra seria boa para uns e má para outros, não existindo um critério universal para a condenar. Contudo, uma objeção se levanta: o ensino dos valores não

se justificaria, pois não existem valores independentes do ponto de vista do sujeito, neste sentido, o melhor seria deixar às crianças liberdade para decidirem que valores gostariam de adotar. Deixaria também de fazer sentido o debate sobre os valores, pois cada pessoa considera que cada um tem direito à sua opinião, contribuindo-se assim para a natureza relativa dos valores e, não fazendo sentido falar de valores universais. O que dizer então da Carta dos Direitos Humanos, que fixam valores que se apresentam como direitos universais para a Humanidade? Aceitar o subjetivismo valorativo é aceitar que qualquer posição axiológica possa ser defendida, em função da conveniência pessoal e que nenhum valor possa ser ensinado ou mesmo refutado. A crise atual dos valores assenta nessa relatividade, pois o que vale não ultrapassa o critério do bem-estar pessoal, não se refletindo sobre critérios de bem e de mal. Todos os valores do mundo moderno procuram uma satisfação imediata do bem-estar do ser humano, sendo pouco profunda a reflexão sobre os critérios para atingir esse bem-estar. Assim, os relativistas entendem que os valores são respostas de cada pessoa e sociedade num determinado período histórico, não existindo critérios e valores universais. No entanto, os valores não existem como os factos, isto é não são factos empíricos, não podem confundir-se com os objetos ou os seres existentes, pois não é porque um rapaz trai a sua amiga que a amizade deixa de existir, não é porque se perdem determinadas obras de arte que a beleza desaparece. Os valores são modelos de ser, são essências ideais e os objetos existentes permitem a realização dos valores, isto é, algo é belo porque participa no ideal de beleza ou uma ação é justa porque se enquadra no ideal de justiça. Esta teoria foi primeiro defendida por Platão. Tudo o que existe é portador de valor, mas os valores estão mais além, na esfera ideal. Também podemos verificar isto na matemática, por exemplo, a circularidade não deixa de existir, se não tiver um círculo concreto para se mostrar. Portanto, os valores são essências ideais, absolutas, perenes e imutáveis e, apesar de o valor estar ligado à consciência humana que o regista, os valores não se reduzem ao conhecimento que deles temos e o que torna o valor relativo é o conhecimento do valor e não o que o valor é em si mesmo.

Ciência na Escola

ASPIRINA na ESPR



A Química tem uma grande importância nos dias de hoje, pois há inúmeros produtos fundamentais à Humanidade que envolvem processos químicos, entre os quais se destaca os medicamentos.

No entanto, a produção destes materiais tem também inúmeros inconvenientes, tais como a formação de subprodutos tóxicos que conduzem à contaminação do ambiente, uso de matérias-primas de fontes não renováveis, etc..

“Química Verde” é o nome dado para a mudança que permite reinventar processos de produção fabril de forma a assegurar um ambiente mais seguro e saudável para o século XXI.

O ácido acetilsalicílico, também conhecido como Aspirina ou simplesmente AAS, é um fármaco utilizado como anti-inflamatório, antipirético, analgésico e também anti plaquetário, disponível desde 1897 e é um dos medicamentos mais utilizados em todo o mundo.

Em 2017 o AAS completou 110 anos e continua a despertar o interesse do mundo científico, contribuindo para diminuir o risco de AVC.

Como marco histórico, foi inserido no programa da disciplina de Física e Química A do 11º ano na componente laboratorial de Química. Os alunos da turma 11º B da ESPR efetuaram no mês de março, no laboratório de Química, a síntese do ácido acetilsalicílico ($C_9H_8O_4$), supervisionados pela professora Anabela Santos, cumprindo objetivos, regras de segurança e execução correta de técnicas necessárias.

O rendimento obtido experimentalmente pela maioria foi superior a 90%. Foi notória a satisfação dos alunos, devido aos excelentes resultados.



Por Anabela Santos
Professora ESPR

PESAR



PIPETAR



AQUECER



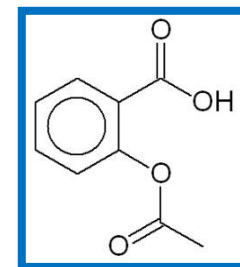
SOLIDIFICAR



FILTRAR



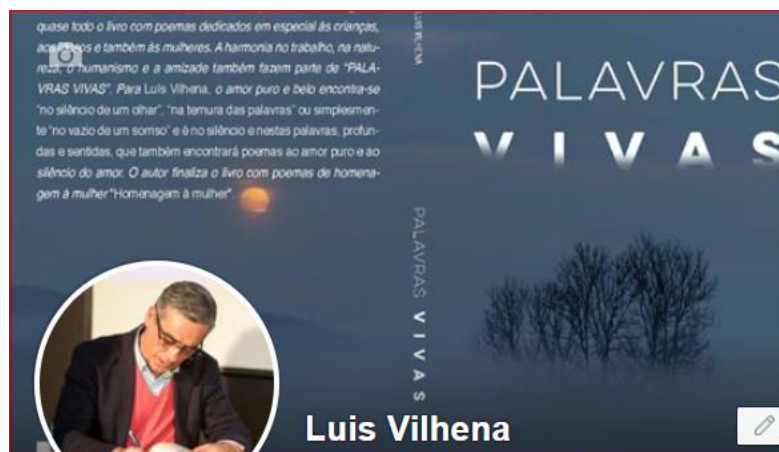
SECAR



Por Humberto Bento
Sub-diretor de O PROSA

Poesia no Prosa

Por Luís Vilhena
Professor na ESPR



Acreditar

Acreditar nos alunos
É mais do que lhes ensinar.
Fazê-los acreditar
Que é possível sonhar.

Porque acreditas em mim?
Nos manuais e nos livros sim
Nos meus rascunhos não
Continuo a acreditar em ti mesmo assim.

Enganas-te todos os dias?
Desanimas em muitas horas?
Em que acreditas?
Eu acredito nas tuas qualidades.

Recomendo-te a acreditares
É o primeiro passo para sonhares
Mas não te esqueças de amar.

Eu acredito
Antes de tu mesmo acreditares
Nas tuas qualidades
Sinceridades.

In "PALAVRAS VIVAS"

Sugestão de leitura:
Por Humberto Bento
Professor na ESPR

Em Todas as Ruas te Encontro

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco

Mário Cesariny, in "Pena Capital"

Breve Biografia:

Mário Cesariny (N.1923-M.2006) – Foi pintor e poeta português, natural de Lisboa, considerado o mais importante poeta do surrealismo português, a par com Alexandre O'Neill. Além de poeta, romancista, ensaísta e dramaturgo, dedicou-se também às artes plásticas, nomeadamente à pintura.

Por Natália Estrelo
Professora na ESPR

Mexe-te



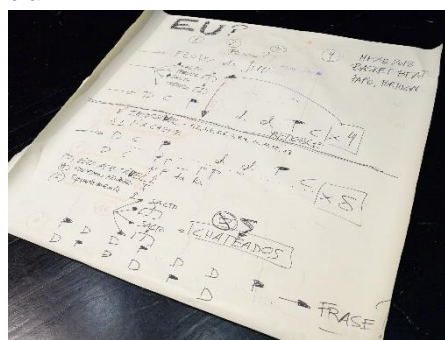
No âmbito do **MEXE - Encontro Internacional de Arte e Comunidade**, extensão **Teatro Municipal de Faro**, os **alunos do 1º ano de Técnico de Juventude**, da Escola Secundária Pinheiro e Rosa, juntamente com a turma de Teatro do 11º ano, da Escola Secundária Tomás Cabreira, tiveram a iniciativa de participar nas oficinas de **Basket Beat**.

O objetivo foi a **construção de um espetáculo artístico**, com bolas de basquete e com base nas habilidades e interesses pessoais, refletindo sobre como cada um quer que a sua vida seja e como pode contribuir para tornar este mundo mais crítico.

Esta atividade foi desenvolvida ao longo dos dias **12, 13, 14 e 15 de novembro 2018**, com apresentação do espetáculo, pelas 21h30, no, no último dia.

A música está no nosso dia-a-dia, nomeadamente, em tudo o que é feito, criando ritmos e melodias, que se forem ouvidos com atenção, podem ser usados para benefícios próprios.

A coreografia foi realizada ao longo dos primeiros três dias. Foram feitos grupos e neles foram criados ritmos inventados pelos alunos, de maneira a que no fim, todos fossem aproveitados. na mesma, nela foi introduzida juntamente como tema as dificuldades ultrapassadas pelo grupo a nível pessoal e coletivo entre cada um.



Por Sofia Solayman

Aluna do 12.º B - ESPR

Visita de Estudo ao Parlamento Europeu

Um grupo de alunos do 12º ano do curso de ciências socioeconómicas do AEPROSA teve a oportunidade de integrar uma comissão da S&D numa visita ao Parlamento Europeu, em Bruxelas.

Este projeto deu a conhecer o trabalho realizado na Comissão Europeia pelos diferentes grupos parlamentares europeus.



Por Manuela Valente
Diretora de O PROSA

Pinheiríadas 2019



Nos dias 2 e 3 de maio realizaram-se múltiplas atividades na Escola Secundária Pinheiro e Rosa, no âmbito das Pinheiríadas, projeto dinamizado pelas professoras Susana Palma, Lisete Freitas e Ilda Miguel, em articulação com os diferentes Departamentos Curriculares. Estas atividades desafiaram as competências, conhecimentos e capacidade de resposta, num curto espaço de tempo, dos alunos para se prepararem e para participarem, como aconteceu, por exemplo, com a prova «Palavra ao Poder», que na manhã do dia 2 de maio, permitiu a participação empenhada dos

alunos.

No dia 3 de maio realizaram-se, na Escola Secundária Pinheiro e Rosa, diversas provas culturais, de natureza muito diferente: teatro, música, dança etc., que contou com a participação empenhada de alunos e de professores. **Clique neste link para ver a prova vencedora deste concurso:**

<https://www.youtube.com/watch?v=GUEIUBnSCGk&feature=youtu.be>



Por Anabela Santos
Professora na ESPR

O Dia do Carbono



No âmbito do Ano Internacional da Tabela Periódica, foi destacado no dia 21 de março de 2019, o **papel fundamental das árvores na fixação do Carbono**.

Esta iniciativa teve como objetivo, alertar os jovens, para a influência da vegetação na diminuição da concentração de dióxido de carbono na atmosfera, visando a importância da **Química na Sustentabilidade do equilíbrio no Planeta**.

O **carbono** está presente em todas as formas de vida, e no **corpo humano** é o 2º elemento mais abundante em massa (cerca de 18,5%).

Para assinalar este dia, contextualizado no domínio da disciplina de Física e Química A e no projeto ECO-ESCOLAS, os **alunos do 10º A da ESPR**, plantaram um sobreiro no jardim da escola, oferecido pelo Departamento de Química FCT da UALG, sob a responsabilidade da professora **Anabela Santos** e com a colaboração da diretora de turma, professora Palmira Ferreira.



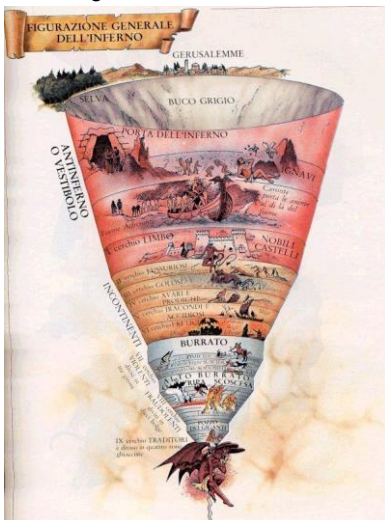
Por Isabel Lundbo Murta Costa
Aluna do 10.º E - ESPR

Inferno de Dante

O "Inferno" é a primeira parte da trilogia "A Divina Comédia" de Dante Alighieri (1265-1321), cujo também é composta pelo "Purgatório" e pelo "Paraíso", esta apresenta-se como uma das primeiras obras escritas na língua oficial do próprio país, ou seja, italiano, e uma das maiores obras de arte do Renascimento e de todos os tempos. Esta divindade foi inicialmente chamada de Comédia, mas após um entendimento da sua real grandeza, foi acrescentado Divina, para que assim o nome fizesse justiça à sua espetacularidade.

A história começa quando, após ter perdido o rumo certo na vida, Dante é interceptado por Virgílio, o autor da imortal "Eneida", que afirma poder auxiliá-lo na sua busca pelo caminho correto, então, este leva-o numa visita guiada pelo Inferno.

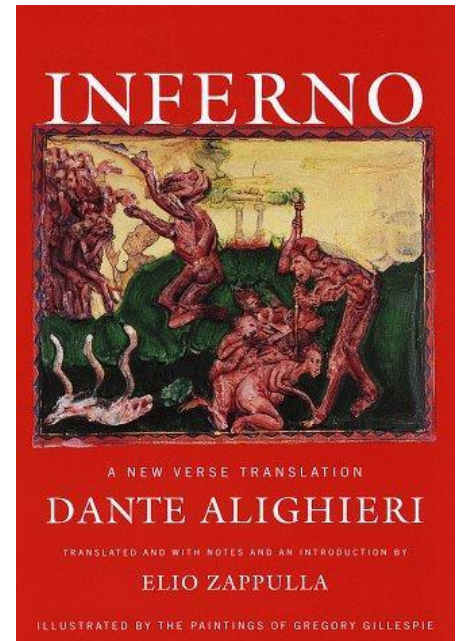
O Inferno apresentado baseia-se numa antiga teoria da Idade Medieval, na qual o mundo se encontra dividido por círculos concêntricos. Assim, o Inferno tem 9 círculos, 3 vales, 10 fossos e 4 esferas e está estruturado em forma de cone com a aresta virada para baixo, onde os pecados e castigos se vão agravando à medida que se desce. Aqui encontram-se os mais diversos feitores de mal e as penas a que estes se encontram sujeitos, podendo algumas personagens nos serem familiares e outras apenas meros objetos da imaginação do autor, mas claro, igualmente cativantes.



Amores proibidos entre cunhados, com a bela história de Francesca Da Rimini e Paolo Malatesta, que apresenta a icônica, e pessoalmente uma das minhas preferidas, frase, "Maior dor não pode haver que na miséria recordar felizes tempos", na qual é representado o efeito contraditório e revoltante que muitas destas personagens provocam no leitor ao demonstrar como até o mais puro e intenso sentimento, ou seja, o amor, pode acabar por se tornar numa eternidade de sofrimento.

Esta história, como muitas as outras apresentadas ao longo dos 34 capítulos do livro, demonstra que até nas maiores profundezas do reino do mal se podem encontrar as histórias mais emocionantes e merecedoras do perdão do leitor, histórias que nos fazem questionar as ideias universais do bem e do mal e mesmo a justiça, ou talvez injustiça, que é apresentada aos pecadores. Este livro contém obviamente uma crítica que pode ser aplicada a qualquer sociedade, seja ela anterior ou a contemporânea de Dante ou mesmo a atual, é uma crítica eterna aos vícios e ganância que muitos carregam e ao esquecimento do verdadeiro bem, indiferente de qual este seja para o leitor, pois demonstra-se como algo subjetivo à interpretação, que o autor não especifica.

É um livro que requer um grande conhecimento geral, tanto histórico e mitológico como teológico para a sua leitura, e ainda maior para o autor que se revela como uma das mentes mais brilhantes de todos os tempos. É um livro para se ler de mente aberta, sem julgamentos em vista, e para refletir.



Por Luís Santos
Professor na ESPR

O Parlamento Europeu

Como tudo começou

A Europa que conhecemos nos nossos dias resultou de uma série de acordos que foram estabelecidos sucessivamente entre os vários países, na tentativa de dar uma resposta à situação de destruição que se vivia no final da Segunda Guerra Mundial.

Em 1951, foi criada a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) entre a Alemanha, a França, a Itália, o Luxemburgo, a Bélgica e a Holanda. Alguns anos depois, mais precisamente em 1957, a Europa entendeu ser possível estender a cooperação pela via da integração económica e, assim, através do Tratado de Roma, instituíram-se a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Económica da Energia Atómica (Euratom). A Assembleia Comum, que já se reunia no âmbito da CECA, foi alargada a estas duas outras duas comunidades. Desta forma, foi criada, em 1958, a “Assembleia Parlamentar Europeia”, com 142 membros, cuja designação foi alterada para “Parlamento Europeu” em 30 de março de 1962.

Como e onde funciona o Parlamento Europeu

Os membros do Parlamento Europeu começaram por ser indicados pelos parlamentos nacionais, passando a ser eleitos diretamente a partir de 1979, sendo o Parlamento Europeu a única instituição europeia cujos elementos são eleitos diretamente pelos povos de cada país.

Atualmente, o Parlamento Europeu tem 751 deputados, de 28 países, “agrupados” em “famílias políticas”, em função das afinidades entre os partidos pelos quais foram eleitos, não estando posicionados, portanto, por nacionalidades. O seu mandato tem a duração de 5 anos.

A sede oficial do Parlamento Europeu situa-se, desde 1992, em Estrasburgo, as comissões parlamentares reúnem-se em Bruxelas e o Secretariado do Parlamento Europeu (os seus funcionários) está instalado no Luxemburgo.

Como se trabalha no Parlamento Europeu

Entre os deputados do Parlamento Europeu é eleito o Presidente do Parlamento Europeu, por escrutínio secreto e por um período renovável de dois anos e meio, sendo eleitos também 14 vice-presidentes. Atualmente, e desde janeiro de 2017, o Presidente do Parlamento Europeu é o italiano Antonio Tajani.

Nas sessões do Plenário é votada a legislação europeia e são tomadas posições através de debates. O trabalho aqui desenvolvido pelos deputados é preparado antecipadamente pelos mesmos, reunidos em 23 comissões diferentes, como, por exemplo, as Comissões de Assuntos Externos, de Segurança e Defesa, de Orçamentos e de Emprego e Assuntos Sociais.

Com o objetivo de manter contactos com parlamentos de países exteriores à União Europeia, existem 44 delegações do Parlamento Europeu, sendo que cada uma tem a seu cargo um país ou uma região do mundo.

Portugal no Parlamento Europeu

Portugal tem 21 deputados no Parlamento Europeu. No mandato que agora termina, os eurodeputados portugueses são 6 mulheres e 15 homens e foram eleitos em listas de 7 partidos políticos.



Luís Santos
Professor na ESPR

As próximas eleições

A próxima eleição de deputados para o Parlamento Europeu será efetuada entre 23 e 26 de maio de 2019, em função da decisão de cada país. Em Portugal, as eleições terão lugar no dia 26 de maio.



Por António Cambóias

Professor na ESPR

Amávamos Demais e Sabíamos de Menos Que Revolução Não Aconteceu na Revolução?

Foi no IPDJ, no dia 23 de abril, que o clube de teatro Tapete Mágico, em parceria com a Companhia de Teatro **DoisMaisUm**, apresentou o espetáculo **Amávamos Demais e Sabíamos de Menos**, a que se seguiu um debate.

A partir do relato de uma jovem aluna, questiona-se a importância dos feriados e de datas que marcam acontecimentos longínquos para a memória coletiva das gerações que nasceram após o 25 de abril de 74. Este é um espetáculo de apelo à memória, mas também de apelo à reflexão sobre a nossa responsabilidade para manter o espírito democrático. A partir do encontro inesperado, 18 anos após o 25 de abril de 74, entre uma mulher que foi presa e torturada aos 19 anos, e o seu torturador, tocam-se nas feridas e abrem-

se novos caminhos para a discussão. Há revelações, há relatos. Estes relatos impressionantes de coragem no sofrimento podem parecer-nos estranhos à distância dos tempos, mas relembram-nos que uma consciência informada nos permite resistir, que as nossas pequenas vitórias nos conduzem a outro caminho e a um desfecho mais justo.

Quarenta anos volvidos sobre a revolução de abril, e quando atravessamos tempos tão conturbados, é chegado o momento crítico de nos questionarmos: que revolução não aconteceu na revolução?

Com Ana Cristina Oliveira, António Gambóias e Margarida Almeida.



Por Ana Paula Coelho
Professora da ESPR

Visita de Estudo ao Zoomarine

No dia 2 de maio 2019 algumas turmas do 2.º e 3.º ano dos Cursos Profissionais de TT, TAS, TOE, TCP e TRB foram a uma visita de estudo ao Zoomarine. Esta visita integrou-se no âmbito da disciplina de Inglês, relativa à unidade curricular sobre “o ambiente”.

Chegaram por volta das 10h todos animados e preparados para passar um dia diferente e enriquecedor onde a natureza e os animais são devidamente protegidos.

Começaram por ir ver os espetáculos de Aves de Rapina, Golfinhos, Leões Marinhos e por fim os espetáculos dos Piratas. Todos eles dão primazia e evidenciam a importância de protegermos o meio ambiente. Após o almoço, desfrutaram de algumas atividades como as piscinas, carrocéis e um filme 4D onde mais uma vez a mensagem de preservação da natureza foi o tema principal. Pelas 17h, depois de um dia divertido e educativo, regressaram tranquilamente a casa com a consciência mais enriquecida de que a natureza faz parte das suas vidas.



CARTOON

Por:
Mariana Rodrigues
Aluna 11.º Ano C



Ficha Técnica

O PROSA

Edição Gráfica: Manuela Valente, Sandra Atanásio e Filipe Coelho, aluno da turma TGPSI, 2.º Ano.

Revisão de Textos: Humberto Bento.

Digitalização e Imagem: Filipe Coelho e Manuela Valente.

Foto Capa: Humberto Bento

Impressão: ESPR

Participaram nesta Edição: Filipe Coelho, Manuela Valente, Honório Marques, João Assis, Anabela Santos, Luís Vilhena, Humberto Bento, Natália Estrelo, Sofia Solayman, Isabel Costa, Luís Santos, António Cambóias, Ana Paula Coelho, Bruno Fernandes do 2.º ano TGPSI e Mariana Rodrigues.

NOTA DE PESAR:

A equipa de O Prosa manifesta o mais profundo pesar pelo falecimento da aluna Laura Bragança e endereça à Família e amigos as mais sinceras e sentidas condolências. Estarás sempre presente entre nós.